

Um movimento para dentro do mundo: pistas comblinianas para compreensão da missão cristã a partir da leitura de *A Teologia da Missão*

A Movement inside the World: Comblinian Clues for Understanding the Christian Mission from Reading The Theology of Mission

Gladson Pereira da Cunha
Centro de Ensino Superior FABRA, Brasil

Resumo

O presente artigo é uma apresentação do pensamento missiológico de José Comblin a partir da leitura de *A Teologia da Missão*, lançando mão de outras obras do autor, a fim de perceber o entendimento combliniano da missão, embora não de maneira exaustiva. Basicamente, este trabalho indica que, para se compreender o pensamento do autor sobre o tema em questão, é necessária a assimilação de quatro características da missão, isto é, que ela é: agente, promotora de salvação, serva e testemunha do Evangelho de Jesus. Assim, essas quatro características serão o foco desta análise.

Abstract

This paper is a presentation of José Comblin's missiological thinking from the reading of *The Theology of Mission*, using other works by the author, in order to understand the Comblinian comprehension of the mission, although not in an exhaustive way. This work indicates that in order to understand the author's thinking on the subject in question, it is necessary to assimilate four characteristics of the mission, that it is: agent, promoter of salvation, servant and witness of the Gospel of Jesus. Thus, these four characteristics will be the focus of this analysis.

Palavras-chave

Comblin.
Missão.
Missiologia.
Evangelização.

Keywords

Comblin.
Mission.
Missiology.
Evangelization.

Introdução

A missão de Jesus de Nazaré assume o caráter fundamental da missão da Igreja. Entretanto, ao longo dos séculos essa noção foi sendo modificada e ressignificada diante das transformações da teologia que a orientava. Não é

de se estranhar, por exemplo, a justificativa da dominação europeia no “Novo Mundo”, no qual a cruz e a espada caminhavam unidas¹. E isso também se aplica ao colonialismo e imperialismo da Europa e América protestante, em que as *missões* e organizações comerciais se alinhavam e cooperavam umas com as outras. O que subjaz a tudo isso é a ideia de que Cristo é Senhor de todo o mundo e aqueles que agem em seu nome possuem o direito de conquista.

No entanto, os revezes da história modificaram o cenário da sociedade humana. A cristandade não existe mais. A própria existência da Igreja cristã é contestada. No ocidente, a secularização pós-iluminista rechaçou a religião, em geral, e o cristianismo, de maneira mais específica, ao ostracismo da vida privada. No oriente e nos países em desenvolvimento - o chamado *terceiro mundo* -, o descolonialismo fez com que essas sociedades procurassem encontrar o seu próprio caminho na história. Não é estranho observar que a religião do colonizador tenha exigido ou um expurgo ou uma releitura.

É nesse contexto que a missão da Igreja será repensada. Tanto grupos católicos como protestantes buscaram um entendimento renovado diante da nova condição do mundo. No caso da Igreja católica, é sabido que o Concílio Vaticano II tem papel crucial nessa tarefa. Documentos conciliares como *Ad Gentis* e *Lumen Gentium* impactaram profundamente a reflexão teológica católica e para além dela². Impactos esses que se fizeram sentir na reflexão teológica católica latino-americana, inicialmente nos documentos finais das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), culminando nas formulações da Teologia da Libertação (TdL), que é em si mesma uma forma de responder à questão sobre o sentido do cristianismo e da missão³.

¹ Cf. BOFF, L. *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*, 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1992, pp.9-27. GOHEEN, M. *Introducing Christian Mission Today: Scripture, History and Issues*. Downers Grove: IVP Academic, 2014, pp.16-20.

² O bispo e missionário reformado Lesslie Newbigin inicia sua reflexão sobre a missão em sua obra *The Open Secret* a partir de *Lumen Gentium*, considerando-a como um documento que não deveria estar confinado à Igreja católica apenas, mas deveria nortear a reflexão missiológica e eclesial da Igreja cristã em seu todo. cf. NEWBIGIN, Lesslie. *The Open Secret*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p.1.

³ Cf. GUTIERREZ, G. *Teología de la Liberación*, 14.ed. Salamanca: Sígueme, 1990, p.15. Para uma ideia geral do desenvolvimento histórico do fazer teológico católico latino-americano, ver: DUSSEL, E. *História da Igreja Latino-Americana*, 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989. A perspectiva que se aproxima desse modelo de reflexão teológica do lado protestante tem sido

Entre os diversos nomes e modos de exposição da missão cristã, a partir das premissas da TdL, José Comblin e sua missiologia é de leitura obrigatória. Nascido na Bélgica, mas radicado desde 1959 entre seus irmãos latino-americanos até a sua morte, em 2011, Comblin produziu uma vasta obra entre comentários bíblicos, material para catequese e pastorais, além de textos massivos de teologia⁴. Entre suas obras está o livro *Teologia da Missão* que, embora não seja uma das mais sistemáticas de Comblin, apresenta de forma condensada seu pensamento missionário-ecclesial. Ela dá o tom e oferece subsídios da compreensão da missão da Igreja cristã, uma vez que, para Comblin, a missão é o tema fundamental dos Evangelhos⁵.

É a partir da missão que todas as coisas que dizem respeito à ação de Deus em Jesus para a salvação da humanidade, assim como a encarnação, o ministério terreno do Filho, somados aos eventos de sua paixão, morte e ressurreição encontram o seu sentido. A própria teologia se explica por causa da missão⁶. Para Comblin,

a missão consiste em renovar e imitar missão de Jesus Cristo. [...]. Jesus dirige-se aos que estão fora, fala para denunciar, anunciar, provocar, chamar à transformação de vida, libertar do passado, da sinagoga, do peso dos escribas e das tradições. A Igreja vem depois da missão e não antes. Destinatários da missão são de modo privilegiado a ovelha perdida, os publicanos, os samaritanos, os pobres da Galileia, as prostitutas, sem excluir os outros, porém com uma insistência muito marcada pelos evangelistas. Os atos da missão inspiram-se nos próprios atos de Jesus, os modos de ensinar (interpretação das várias formas literárias usadas), os gestos, os comportamentos sociais, as atitudes na vida pública⁷.

Esta noção de missão como renovação e imitação dos atos, palavras e gestos de Jesus Cristo permeará não apenas *Teologia da Missão*, mas também

chamado de *Missão Integral*, embora tenha havida também uma aproximação com a TdL. Para uma percepção inicial, ver: PADILLA, C. Rene. *Mision Integral*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1986.

⁴ Sobre a biografia de Comblin, recomenda-se a dissertação de Paulo Cesar Pereira defendida na UNICAP, que traz uma transcrição de uma entrevista feita por Pereira com o Pe. Comblin. Cf. PEREIRA, P.C.; DOUETS, S.S. (orientador). *Pastoral urbana: uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin*. 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Pernambuco, Programa em Ciências da Religião.

⁵ COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983, p. 10.

⁶ COMBLIN, 1983, p. 10.

⁷ COMBLIN, 1983, p. 11.

o pensamento missionário-ecclesial combliniano.

Nesse sentido, a proposta do presente trabalho é apresentar o pensamento missiológico de José Comblin a partir da *Teologia da Missão*, lançando mão de outras obras do autor, a fim de perceber o entendimento missiológico combliniano como um todo, embora não de maneira exaustiva. Assim, outra intenção para este texto é ser um material para apoio didático, isto é, um auxílio para a leitura inicial da obra de José Comblin. Logo, a compreensão do entendimento combliniano de missão dependerá da assimilação de quatro características da missão, isto é, que ela é: agente, salvadora, serve e testemunha do Evangelho de Jesus.

Missão como ação

Missão é ação. Comblin relaciona a missão com dois termos muito próximos: movimento e ação. Contudo, esses dois termos podem facilmente serem definidos num único conceito: a ação. Ao dizer que Deus é ação, Comblin estava claramente referindo-se à ação própria de Deus⁸. Desta maneira, Comblin definiu essa ação como,

o que muda o mundo, aquilo que faz um homem mudar-se a si mesmo, mudar outros homens. Ação consiste em passar do pecado a justiça, em mudar uma situação de mercado em uma situação de Justiça, em passar do mal para o bem. A ação reconversão. Ela não faz parte, simplesmente, de um processo biológico, psicológico ou sociológico. Não se integra numa estrutura. Sem dúvida, o homem se acha engajado em numerosos processos e só pode sobreviver sobre esta condição. Reage em função de inúmeras posições, funções e variáveis. Mas isso não constitui ainda uma ação. Um homem assiste embarcado uma tarefa: A tarefa de se libertar e de libertar a humanidade em si mesmo e em seus irmãos. Defronta-se pecado que é chamado a libertação do pecado. A ação é mudar o homem. Desdobrar uma vida humana ainda não é fazer uma ação. Agir é assumir parte na missão de libertação. As tarefas ou múltiplas, inúmeras; cada uma delas chega em sua hora e em seu lugar; todas são

⁸ COMBLIN, 1982, p.11, p.46.

insubstituíveis. Agir é trazer uma pedra a uma construção, construção da casa de Deus ou de seu reino⁹.

Diferente de filósofos como Hannah Arendt, que via a primazia da ação humana, a qual não é outra coisa senão “tomar iniciativa, iniciar (como o indica a palavra grega *archein*, ‘começar’ ‘ser o primeiro’ e, em alguns casos, ‘governar’), imprimir movimento a alguma coisa (que é o significado original do termo latino *agere*)”¹⁰, Comblin tem um olhar diferente para a ação como a missão da Igreja. Como visto acima, “agir é assumir parte na missão de libertação”¹¹. O *archein* missionário é inicialmente divino; a missão é sempre *missio Dei*, mas é também é ação humana, como dito na Oração Eucarística V: “E a nós, que agora estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai-nos força para construirmos juntos o vosso reino que também é nosso”. Agir, em termos missionários, é co-agir com Deus.

A ação testemunhada pelas Escrituras nada tem a ver com a afirmação da existência divina, mas com a ação divina. Ação é, no Antigo Testamento, a libertação do povo hebreu de sua opressão e de sua escravidão. O Novo Testamento dá maior visibilidade à ação de Deus, que pelo Cristo e pelo Espírito Santo - as duas mãos de Deus¹² - igualmente agem para a libertação do povo de Deus, que não é mais o povo hebreu, mas é único povo formado por gentios e hebreus; o mundo inteiro é povo de Deus (Cf. Ef 2,14-18)¹³.

Nesse sentido, a ação de Deus é também ação partilhada pela Trindade. Deus envia Jesus e o Espírito. Aliás, como visto anteriormente, a identidade do Filho, segundo a leitura que Comblin faz do testemunho bíblico, está diretamente ligada ao seu envio pelo Pai, pelo agir de Deus em enviar. Porém, a ação divina não se limita ao envio do Filho e do Espírito Santo. O Pai está total e inteiramente envolvido na ação das outras pessoas trinitárias no mundo. “Meu Pai continua trabalhando”, disse Jesus (Jo 5,17)¹⁴. A referência de Comblin a esse trecho do Quarto Evangelho demonstra, portanto, a

⁹ COMBLIN, José. *O Tempo da Ação*. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 54-55.

¹⁰ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*, 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.190.

¹¹ COMBLIN, 1982, p.55.

¹² COMBLIN, 1982, p.21.

¹³ COMBLIN, José. *Epístola aos Efésios: Comentário Bíblico Latinoamericano NT*. São Paulo/Aparecida: Fonte Editorial/Editora Santuário, 2013, pp. 48-55.

¹⁴ COMBLIN, 1982, p.48.

consciência de Jesus e da comunidade joanina de uma contínua ação em e de Deus e, porque não dizer, um movimento sempre constante da Trindade para a salvação. Isso é o que se observa, por exemplo, quando Comblin afirma:

O Pai age enviando Filho e o Espírito, o termo dessa ação é o surgimento do homem novo, dança total da humanidade que passa do pecado e da morte para vida e a retidão. Quando Deus liberta o seu povo, prolonga simplesmente a ação pela qual emergem o Filho e o Espírito Santo. A missão do Filho e do Espírito desemboca na libertação do homem¹⁵.

A missão, enquanto ação transformadora e salvadora, não acontece sem qualquer orientação. Comblin considera que a existência dessa ação divina é visível e audivelmente apresentada ao ser humano por meio da mensagem cristã. O Evangelho anunciado primeiramente pelo Enviado de Deus, Jesus, revela aquilo que é preciso conhecer acerca dos atos salvíficos de Deus. Salvíficos, porque levam em conta o atual estado da humanidade e do mundo, estado de escravidão e opressão do pecado e do mal sobre o todo da criação divina¹⁶. E a mensagem evangélica é aquela que pede a transformação pelo movimento, primeiramente de Deus, e, posteriormente, do seu o povo. Assim afirmou Comblin:

Estamos todos embarcados no movimento de transformação do mundo. Nosso mundo parte do pecado, isto é, [...], do pecado social e individual, que não são duas categorias, mas dois aspectos do mesmo pecado. Partimos da escravidão e da morte - o mundo que se oferece a nossos olhos - encaminhamos para a libertação que envolve o ser humano em todas as suas dimensões [...]. Ora, a transformação do mundo não se faz de cima de nossas cabeças: Passa por nossa atividade, tal é a mensagem de Espírito. Ou existem ações do sentido descrito ou, a missão do Espírito não existe, nem o Cristo, nem Deus. Se nossos atos não forem mais do que o momento na evolução biológica, ecológica ou sociológica não há libertação, nem Deus Libertador¹⁷.

¹⁵ COMBLIN, 1982, p.49.

¹⁶ Cf. COMBLIN, 1982, p.50-51.

¹⁷ COMBLIN, 1982, p.56.

O que é prioritário é a mensagem. O objetivo da missão, diz Comblin, é justamente transmitir a mensagem¹⁸. Evidentemente que esta não é outra coisa senão o anúncio do Evangelho. A mensagem de transformação é o que dá sentido à missão-ação de Deus e de seu povo.

A razão de ser da Igreja é evangelizar. Evangelizar é prioritariamente a missão da Igreja; ela existe para evangelizar. [...]. O que é evangelizar? Evangelizar diz respeito aos “evangelhos”: evangelizar é anunciar e publicar a mensagem dos “evangelhos”. Ora a mensagem dos evangelhos consiste nisto: o anúncio de Jesus Cristo; o objeto dos evangelhos é Jesus Cristo; os evangelistas quiseram anunciar e explicar Jesus Cristo. [...]. Por sua vez Jesus foi também o evangelizador; ele também veio da parte do Pai, como Filho do Pai, que participa de todos os segredos do Pai, para anunciar a mensagem de libertação. Evangelizar consta assim de três graus: evangelizar é anunciar os evangelhos; os evangelhos anunciam Jesus Cristo; Jesus Cristo anuncia o advento do reino do Pai, que é vida e liberdade dos homens¹⁹.

Não se pode separar o evangelizar e o “missionar”. A missão jamais será missão se em algum momento ela deixar de lado a evangelização, o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, que aponta para o Reino de Deus, que exige a responsabilidade e o compromisso de mudanças²⁰. A mensagem do amor libertário de Deus que não apenas apresenta o amor do Pai, mas também liberta a humanidade do mal e do pecado que a aprisiona. Não se pode pensar a missão sem a atitude anunciadora da mensagem evangélica.

Sobre isso, pode-se questionar: Como ou de que forma essa mensagem se torna o centro da missão e meio para tornar a salvação de Deus uma realidade disponível a todos? Comblin responde:

Pela palavra: isto quer dizer no encontro com o homem, no encontro de pessoas. Como um homem fala a outro homem superando as barreiras assinaladas. Um homem cuja palavra tem o valor e a força da Palavra de Deus, diz a Escritura. O que comove o homem pelo fundo do seu ser é o apelo de Jesus Cristo, ressuscitado, vivo, presente, ativo, enviado ao homem. A palavra de Jesus tem por efeito o despertar de uma

¹⁸ COMBLIN, 1982, p.29.

¹⁹ COMBLIN, José. Evangelizar. Petrópolis: Editora Vozes, 1980, p.7.

²⁰ Cf. COMBLIN, 1982, p.55

liberdade, e o despertar de um amor. Não foi isso mesmo que apareceu no seu contato com os homens? Os evangelhos manifestam essa virtude da palavra e da presença de Jesus. O que se mostra de modo histórico e concreto nos evangelhos é o que está acontecendo desde então na vida dos homens. Esse encontro de Jesus com os homens é o ato, a força de ressurreição que faz deles homens vivos a partir de homens mortos, homens justos a partir de homens pecadores²¹.

Porém, Comblin deixa claro que o Evangelho, ainda que tenha sido entregue aos discípulos, por Jesus, para ser anunciado verbalmente ou por escrito, não se restringe apenas ao discurso, mas se constitui, acima de tudo, em uma nova práxis- “curas, perdões, chamados, exorcismos, proclamações, bênçãos e maldições e, finalmente, a perseguição, paixão e morte ativamente assumidas, tudo isso forma uma ação, uma missão ativa, tudo isso é ação libertadora do Pai” - estritamente alinha à mensagem e a ação²². Resumindo, “a mensagem é a própria missão de Jesus Cristo. Consiste em chamar a atenção e realizar os sinais que tornam essa presença de Jesus viva e ativa”²³.

Missão como Salvação

Missão é salvação. As dimensões da ação de Deus, descritas nos evangelhos, são mais amplas do que a salvação de almas, egoisticamente presas em sua individualidade. Para Comblin todos os tumultos das controvérsias teológicas do cristianismo apenas serviram para obliterar “o que desde a primeira página até a última a Bíblia proclama com uma clareza fulgurante: tudo o que Deus faz, fez e fará neste mundo tem por objeto o homem”²⁴. E isso tem a ver com a totalidade desse objeto. Não se trata de salvar parte ou funções do ser humano, como tem sido repetido. Antes, importa alcançar a realidade em que esse se encontra, as estruturas socioculturais que o formam e, ao mesmo tempo, são por ele formadas e retirar de tudo isso o pecado que subjaz e impregna todas as coisas e o

²¹ COMBLIN, 1983, p.43.

²² COMBLIN, 1982, p.50.

²³ COMBLIN, 1983, p.29.

²⁴ COMBLIN, 1983, p.37.

próprio ser humano²⁵. A salvação oferecida pela missão possui duas dimensões transformadoras:

Transformação do ser humano

A salvação implica a restaurar a humanidade à condição de seres humanos, estado perdido pelo mal e pelo pecado. “Salvar é liberar o homem daquilo que lhe impede ser homem”, isto é, o mal, afirma Comblin²⁶. Fazer da humanidade humana, no sentido mais pleno desse termo, é o sentido da ação salvadora de Deus.

O que se nos revela em Jesus é um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano. Ao mesmo tempo essa manifestação de um novo modo de ser constitui uma denúncia da vaidade, da superficialidade do modo de ser que procuram os nossos humanismos tão limitados e tão insuficientes²⁷.

A nova humanidade trazida por Jesus é uma confrontação com o pecado e o mal da humanidade e do mundo. O mal que se tem perpetuado na história humana é a causa do afastamento do ser humano tanto de Deus como do seu próximo. Afastamento que configura em determinados momentos na opressão, na escravidão e na destruição do outro. Na produção do egoísmo e da privação da liberdade, o ser humano se torna o lobo de seus irmãos, utilizando dos termos hobbesianos. Na nova humanidade trazida e graciosamente entregue aos seres humanos, não por um milagre, mas pelo aceitar livre e amoroso de Jesus, ato vivo de Deus, da perseguição, paixão e morte, o amor e a liberdade tornam outra vez a fazer parte do ser humano, que, renovado, confronta o mal instituído. Entre as várias formas dessa confrontação está o anúncio salvador do Evangelho, que é transmitido de pessoa humana para pessoa humana, como diz Comblin²⁸.

Daí inferimos que qualquer tentativa para separar evangelização e humanização destrói o que faz o núcleo do

²⁵ Cf. COMBLIN, 1983, p.38.

²⁶ COMBLIN, 1983, p.38

²⁷ COMBLIN, José. *Jesus, o Enviado do Pai*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010, p.9

²⁸ COMBLIN, 1983, p.45.

cristianismo. Evangelizar é a própria missão de Jesus Cristo. Mas o evangelho não é pura palavra; é palavra eficaz, que produz o que anuncia: a evangelização tem de pôr termo a salvação do homem: salva o homem do seu mal, da sua covardia que o impede ser homem, coloca-o no caminho de um homem renovado²⁹.

Todavia, a salvação mediada pela missão se estende para além do ser humano e alcança a sua realidade.

Transformação do mundo. Salvar o ser humano não é o fim da ação salvadora de Deus, da missão do Filho e do Espírito Santo

A transformação da humanidade é, ato contínuo, a primeira etapa para a salvação transformadora do próprio mundo. O cristianismo não pretende uma salvação desconectada da realidade do ser humano. A fé em Cristo não pode estar desvinculada da vida cotidiana, não é saída para outro mundo ou dimensão. A nova vida do novo homem faz a exigência de uma nova realidade.

O início da salvação é a fé. A fé é a resposta do homem ao encontro com Jesus, o despertar de um homem novo, o descobrimento de algo novo em contato com Jesus Cristo, o despertar de uma liberdade e de um amor. Daí procede o resto da vida cristã. Essa fé é ato global de abertura e receptividade ante a presença de Jesus Cristo³⁰.

A missão que apresenta o Evangelho traz a salvação e desperta a liberdade e o amor. Como fazer a experiência de tais dádivas e virtudes num mundo ainda posto e entregue ao mal por seres humanos dominados pelo seu próprio pecado? A liberdade e o amor que fazem parte da nova vida operada pela salvação se opõem à opressão, covardia, ódio e desamor. Opõe-se ao aprisionamento do próximo. Opõe-se a todas as manifestações perversas que perpetuam esse estado de escravidão em que estão postos os seres humanos, a criação divina e a criação humana (e.g., sociedade, cultura, entre outras). Assim,

²⁹ COMBLIN, 1983, p.39.

³⁰ COMBLIN, 1983, p.46.

da fé procede a caridade ativa, e da caridade ativa a luta contra o mal instalado no mundo. Pois as atividades humanas não são neutras [sic.]. Consideradas num plano abstrato, claro está que as técnicas, as ciências, as indústrias não têm nada que ver com a fé. Tampouco têm algo que ver com o homem. Porém, desde o momento em que as técnicas, as ciências se aplicam ou realizam tarefas determinadas, começam as qualificações. Nota-se imediatamente que ciências, técnicas, trabalho atuam dentro de um sistema social, dentro de um sistema de valores, dentro de uma estrutura de personalidade. Visam a reforçar essas estruturas ou a mudá-las. Colocam-se a serviço de interesses egoístas ou coletivos, a serviço da potência, da dominação ou a serviço da caridade, a serviço de uma sociedade de respeito mútuo e de dignidade humana. A caridade atua por meio dos instrumentos presentes numa civilização determinada, inclusive promovendo o desenvolvimento desses meios. Porém, a caridade é resultado de uma conversão do homem individual e da sociedade no sentido de pôr técnicas e meios de ação a serviço da emancipação do homem e não a serviço da sua sujeição. A caridade é vitória sobre as situações estabelecidas. Antecipação de um porvir que ainda não existe e vontade de criar esse porvir³¹.

Tanto a humanidade como o mundo são, nas palavras de Comblin, realidades escatológicas³². Em ambos os casos, ainda não são aquilo que foram chamados para ser. E ainda não se revelou o que ambos devem ser, embora, se saiba o que eles serão (cf. 1Jo 3,2; Ap 21,1). Entretanto, ao compreender a missão como salvação, assume-se a compreensão de que o escatológico à frente não é alcançado por meio de um esperar passivo. Ou, como em alguns seguimentos cristãos, num desejo que as coisas se deterioreem mais rapidamente para que o fim seja abreviado³³. Diferente de tudo isso, a nova

³¹ COMBLIN, 1983, p.47.

³² COMBLIN, 1983, p.47.

³³ Uma interpretação apocalíptica muito comum no protestantismo, denominada Pré-milenismo dispensacionista admite que a parusia de Cristo ocorrerá diante da ascensão dos poderes do mal identificado literalmente com a ação de Satanás e, conseqüentemente, a manifestação da ira divina, conforme o livro do Apocalipse. Desta maneira, quanto pior a realidade se tornar e o mundo se degradar, melhor, pois esses seriam sinais evidentes da vinda de Jesus. Essa interpretação, ainda afirma que no ápice desse crescente maléfico, Deus retirará a Igreja do mundo - a isso se dá o nome de Arrebatamento -, a fim de castigar este último, o que é chamado de a Grande Tribulação. O escapismo dessa interpretação tira a responsabilidade dos cristãos em relação à sociedade e o mal que se faz presente nela. Cf. BERKHOF. *Teologia Sistemática*, p.654-656; CHAFER, L.S. *Teologia Sistemática*. vol.3-4., p. 673-699. Aqui cabe a nota sobre Lewis Sperry Chafer, teólogo-sistemático americano,

condição de liberdade e amor, a salvação, está baseada, diz Comblin, sobre uma esperança³⁴. A esperança na qual se baseia o amor renovado na alma renovada do ser humano é a “de poder modificar o homem individual e social, e a esperança se baseia numa fé: a fé no poder dado aos homens, no Espírito enviado para fazer surgir algo novo”³⁵.

A missão leva à salvação e a salvação transforma o ser humano, que passa a desejar a mesma mudança em seus iguais, em sua sociedade, em sua cultura. A missão responsabiliza o ser humano revestido da nova humanidade de Deus com todas as dimensões de vida, porque todas elas se encontram ainda dominadas pelo mal que tenazmente continua assediando a outros. É nesse sentido que a missão se torna serviço.

Missão como serviço

Missão é serviço. Embora essa não seja uma característica exclusiva, na teologia missionária de Comblin, Jesus é o grande modelo de toda a missão. E não seria diferente ao considerar a missão como serviço. Longe do que esse termo possa significar no senso comum, para José Comblin o servir tem a ver com o Evangelho tal como fora anunciado pelo Cristo³⁶. O Evangelho e o seu anúncio definem a missão como um serviço à humanidade. Mas qual é esse serviço? Ou ainda: Como o Evangelho serve a missão?

A missão é a transmissão da mensagem de Jesus acerca do Reino de Deus³⁷. Jesus proclamava o Evangelho por palavras e gestos, por meio de ações que tornavam presente e visível o Reino anunciado. A salvação era oferecida aos ouvintes de Jesus. Salvação que jamais poderia ser realizada pela simples agremiação eclesial ou observância religiosa³⁸. Por mais que os

responsável por divulgar mais intensamente o dispensacionalismo, que é o modelo de interpretação dos grupos fundamentalistas norte-americanos e pentecostais. Chafer um dos fundadores do Dallas Theological Seminary, o mais importante seminário fundamentalista dos EUA. BERGSTÉN, E. *Teologia Sistemática*. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p.302-326;

³⁴ COMBLIN, 1983, p.47.

³⁵ COMBLIN, 1983, p.47.

³⁶ COMBLIN, 1983, p.51-55.

³⁷ COMBLIN, 2010, p.7-8.

³⁸ Cf. COMBLIN, 1983, p. 49.

missionários tentem “dar a salvação” às pessoas, afirma Comblin, essa ideia deve ser abandonada³⁹.

Nem a Igreja, nem os missionários, sejam clérigos ou leigos, podem ou têm a missão de ofertar a salvação. Em primeiro lugar, isso acontece porque a salvação é obra do Espírito Santo. “A salvação está depositada no coração do próprio homem pelo Criador”, diz Comblin⁴⁰. Ela está posta ali em forma seminal e latente. Apenas o ser humano tem a reponsabilidade de assumi-la, porém, sua origem e manifestação dependem do Espírito Santo.

Em segundo lugar, assim como já foi assinalado, a salvação humana tem como seu agente o próprio ser humano. Não há uma salvação de fora do ser humano, diz Comblin⁴¹. Humano é o que leva o Evangelho como quem o recebe e acolhe com alegria. Quem quer se salvar não pode assumir uma posição de passividade.

A salvação do homem deve nascer no coração do próprio homem. O Espírito é dado ao homem, não à Igreja para que a Igreja o desse ao homem. Diretamente ao homem, embora com mediações humanas. Portanto, a libertação do homem procede de um movimento nascido dentro do próprio homem. Não do homem abandonado a si mesmo. A salvação procede do Espírito de Jesus Cristo. Mas o Espírito não atua fora do homem, como princípio situado ao lado do homem, e sim como força interior ao homem, tão interior ao homem que este nem consciência têm da sua presença. Ele pode inclusive atuar a vida toda sob a inspiração do Espírito sem nunca saber da presença desse Espírito⁴².

É na relação entre o Espírito e o ser humano que a salvação acontece. É na ação própria de cada um desses personagens que a salvação deixa de ser uma possibilidade e se realiza na história humana. Por isso, ela não pode ser dada de fora do ser humano pela Igreja ou pelos seus agentes. Contudo, Comblin chama a atenção para o fato de que a salvação não pode ser conhecida pelo indivíduo; isso apenas acontece, isto é, a salvação é somente conhecida por meio da palavra dos missionários, que é o anúncio da

³⁹ COMBLIN, 1983, p. 49.

⁴⁰ COMBLIN, 1983, p.51.

⁴¹ COMBLIN, 1983, p.41.

⁴² COMBLIN, 1983, p.50.

mensagem evangélica, que são palavras de salvação⁴³. Nisso se encontra a resposta para a pergunta sobre o que é o serviço na missão.

A missão se faz serviço ao assumir o anúncio do Evangelho não apenas em termos de conteúdo, o que já foi visto anteriormente, mas nas categorias assumidas por Jesus como a razão de ser e utilidade da sua pregação. Comblin entende que a pregação assumia seu papel no ministério de Jesus como serviço salvífico à humanidade em dois atos: o anúncio e a exortação⁴⁴. No primeiro ato, o anúncio, o chamado à participação do Reino presente em Jesus é convite à participação do ser humano, que, liberto do mal e do pecado, assume a nova humanidade em liberdade e amor. Porém, no segundo ato, há um insistente chamado, um apelo a uma conversão cotidiana.

Todo ato novo de homem renovado procede do homem que foi chamado depois de ter sido interpelado. Não se trata de dirigir esse homem. Pois a conversão que é resposta ao apelo é ato pessoal ou não existe. A conversão é de todos os dias, ato renovado, repetido que consiste numa mudança de vida a partir de uma decisão central até os últimos refúgios do pecado e do espírito de egoísmo e de dominação. Jesus apela, expõe a sabedoria dele como forma de apelo, e depois aguarda a resposta⁴⁵.

Resumindo, para o pe. José Comblin, o serviço da missão é “transmitir, isto é, criar de novo, fazer com que exista num lugar concreto para uma pessoa concreta a palavra de Jesus Cristo que anuncia exorta”⁴⁶. Como tal, a missão serve ao superar as barreiras da comunicação com o outro ou outros. E essa superação conduz ao diferente e a diferentes realidades socioculturais. E a cada uma delas a interpelação e a contínua exortação da mensagem e dos gestos-sinais evangélicos precisam ser percebidas. A superação de barreiras no encontro com o outro, isto é, aquele que se pretende evangelizar, anunciar e exortar. Uma vez tornados livres do pecado pela salvação produzida pela ação do Espírito Santo, a missão é reiniciada e o outro se torna também missionário⁴⁷.

⁴³ COMBLIN, 1983, p.50.

⁴⁴ COMBLIN, 1983, p.51.

⁴⁵ COMBLIN, 1983, p.52.

⁴⁶ COMBLIN, 1983, p.53.

⁴⁷ Cf. COMBLIN, 1983, p.55.

A experiência da missão não é do tipo triunfalista. Não é como em tempos em que a Igreja estava associada a outros interesses e forças. É fato conhecido que os missionários se serviram de forças econômicas, culturais e imperialistas. Porém Comblin deixa evidente que essas “forças” se constituíram na causa de deficiências da evangelização, “o que se transmite não é o cristianismo e sim uma religião, uma ideologia ou uma cultura, a cultura do povo que forneceu aos missionários esses subsídios”⁴⁸. A missão é fraqueza-força e isso é de fundamental importância⁴⁹.

Para Comblin, o anúncio do Evangelho jamais foi admitido como demonstração de força de qualquer tipo⁵⁰. Nem Jesus, nem os apóstolos ostentaram ou demonstraram aqueles sinais considerados de autoridade ou poder, quer culturais, sociais, econômicos ou ainda divinos. O Filho de Deus vem cumprir sua missão sob forma humana (Cf. Fl 2,8). O Evangelho não é pregado atendendo ao modelo dos sábios (Cf. 1Co 2,1-9). A fraqueza aparente da missão é o meio pelo qual se cumpre a ação de Deus em relação à humanidade e ao mundo. Comblin explica isso nas seguintes palavras:

Na verdade Jesus estava completamente desarmado no meio dos homens, e quis estar assim. Estava desarmado para poder alcançar o homem na fonte da sua humanidade, no nível da maior universalidade: concretamente para poder ser recebido pelo mais humilde dos homens, para se encontrar com a humanidade em todos os homens. Desse modo os mais pobres estavam à vontade, e os mais ricos e poderosos se sentiam atingidos na sua verdade além de todos os revestimentos que as estruturas sociais e culturais lhes conferem. Jesus estava desarmado gaza [sic.] poder atingir o homem na sua verdade de homem. De fato, os evangelhos mostram-nos como logo a conversa atinge o nível da verdade. As máscaras desaparecem. O homem sente-se forçado a manifestar o que há dentro dele no mais íntimo⁵¹.

Com a aparente fraqueza da missão e na fraqueza real, existente na encarnação, Jesus alcançou a humanidade em sua condição mais humilde e

⁴⁸ COMBLIN, 1983, p.56.

⁴⁹ RAIMUNDO, G. M.; PEREIRA, A. S. *Igreja: missão permanente: a missão na "teologia da missão" de Jose Comblin e sua importância para a compreensão da identidade da Igreja. Aplicação ao texto brasileiro*. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1995, p.63.

⁵⁰ COMBLIN, 1983, p.56.

⁵¹ COMBLIN, 1983, p.56.

realmente fraca. Os pobres estavam à vontade, diz Comblin⁵². Eles estavam à vontade porque se reconheciam na proposta de vida e de mundo presentes no Evangelho do Reino. Mesmo na sua aparente fraqueza, era o que almejavam. Os ricos e poderosos, por sua vez, constrangidos, são desarmados.

A fraqueza do Filho de Deus é visivelmente percebida na morte. O Crucificado, diz o apóstolo Paulo, é loucura para uns e escândalo para outros (1Co 1,18). Porém, para todos, é sinal evidente de derrota. Como a força se realiza na fraqueza, conforme o apóstolo Paulo (2Co 12,9), é na ressurreição de Jesus que a força de Deus e o poder do Evangelho, anunciado na missão, é plenamente evidenciada e tornada visível⁵³. A ressurreição de Jesus é sinal da semelhante ressurreição do ser humano, mas também das diversas “ressurreições” necessárias por causa do mal que, embora não definitivamente instalado no coração humano, traz consigo sensível dano aos vários setores da vida pessoal e social do indivíduo. Desses males, a ressurreição de Jesus também é sinal de libertação.

Entretanto, o poder de Deus revelado no Evangelho não é, para Comblin⁵⁴, uma ação “sobrenatural” ou externa para resolver todos os problemas humanos, principalmente aqueles que podem ser enquadrados, como acontece na religiosidade popular cristã como “causas impossíveis”, percepção muitas vezes incentivada pela leitura equivocada das narrativas evangélicas dos milagres de Jesus.

A força de Deus não atua da parte de fora para dar soluções feitas aos problemas humanos. Os milagres físicos de Jesus não podem ser tomados como início de uma época de milagres, mas apenas como sinais visíveis dos milagres que sucedem dentro dos homens. A força de Deus atua pelo despertar dos homens. Portanto a confiança do missionário reside nos milagres que a palavra de Jesus Cristo é capaz de operar dentro de qualquer homem pela presença simultânea do Espírito do mesmo Jesus Cristo⁵⁵.

A transformação do ser humano em todas as dimensões existenciais é o resultado do poder de Deus. É na ação da palavra e do Espírito de Jesus de

⁵² COMBLIN, 1983, p.56.

⁵³ COMBLIN, 1983, p.57.

⁵⁴ COMBLIN, 1983, p.57-58.

⁵⁵ COMBLIN, 1983, p.57-58.

dentro para fora que o poder do Evangelho é percebido. Nesse sentido, a missão não se apega ou se assegura no poder econômico, sociocultural ou político, a fim de se beneficiar deles - claramente o cristianismo e a Igreja se tornam reféns desses poderes, e este problema será tratado mais adiante, quando for discutido a percepção de mundo em Comblin⁵⁶.

Missão como Testemunho

Por fim, a missão é testemunho. A privatização da vida é um fato, consequência da modernidade e da secularização. A religião cristã - ou qualquer outra religião - não pertence mais à esfera pública. “O temporal está libertado da dominação das instituições religiosas” e o ser humano responsabilizado pelo mundo e por si mesmo⁵⁷. O religioso está identificado com aquilo que cada indivíduo crê. E a religião perdeu seu lugar no cotidiano e na história. Para o padre Comblin essa realidade está em oposição contrastante com aquela vista nas Escrituras Sagradas, porquanto a mensagem bíblica é radicalmente social e política⁵⁸.

A Palavra de Deus, do Antigo e do Novo Testamento, é palavra proferida na praça pública e não somente no íntimo de cada consciência. Jesus falou nas praças públicas, nas estradas, nas assembleias populares, no templo que é a grande praça em que o seu povo se reunia. Falou abertamente diante de todos os poderes: os da ciência, escribas e doutores da lei, os da nação, anciãos e sacerdotes, o poder enfim de Roma. Não reservou confidencialmente a sua mensagem a pequenos conventículos escondidos na massa de um povo simples, o que poderia ter feito sem suscitar reações por parte dos poderosos. Havia tantos pregadores e doutores em Israel. Nada teria sido tão simples como ensinar tranquilamente as suas doutrinas religiosas no meio de discípulos atentos e discretos. Fez exatamente o contrário. A sua atividade foi aberta e pública e foi ao encontro dos poderes estabelecidos. A sua mensagem ia contradizer a sabedoria tradicional e a estrutura da nação. Não quis esconder o caráter subversivo das suas doutrinas. Pelo contrário, foi ao encontro da

⁵⁶ Cf. COMBLIN, 1983, p.56-57.

⁵⁷ COMBLIN, José. *Mitos e Realidades da Secularização*. São Paulo: Herder, 1970, p.22.

⁵⁸ COMBLIN, 1983, p.60.

perseguição. Manifestou em voz clara o antagonismo e as contradições entre o seu evangelho e as doutrinas ou as estruturas tradicionais. Os evangelhos destacaram essa publicidade da missão de Jesus. Os Atos e as obras de São Paulo manifestam-na nos fatos da Igreja primitiva. São João constrói a sua síntese em torno do tema do testemunho, que é palavra pública e apresenta a revelação como um drama entre Jesus e os poderes do mundo⁵⁹.

O testemunho é tornar público o Evangelho. A publicidade da missão cristã tem a ver com a salvação, que, por sua vez, tem a ver com o pecado. A salvação não é somente salvar a alma, nem tampouco o indivíduo ou as pessoas de uma comunidade. A salvação alcança e confronta o pecado onde quer que ele se encontre. Assim, como o pecado se apodera das estruturas do mundo, importante que a salvação evangélica também transforme por completo esses sistemas. Para Comblin, “o mundo fica no pecado em todas as suas estruturas: economia, política, cultura; o pecado impregna tudo, no sentido de que não depende do homem individual pecar ou não pecar”⁶⁰. Desse modo, a salvação do ser humano exige mudanças estruturais em sua realidade, conseqüentemente, o testemunho cristão assume esse papel de agente transformador.

O testemunho, ao tornar público o Evangelho, confronta todas as ordens estabelecidas na realidade. Assim como Jesus, os poderes deste mundo são denunciados e trazidos aos olhos de todos. As injustiças e opressão são denunciadas e desmascaradas. Porquanto, “o testemunho enfrenta as estruturas de pecado pela única força da palavra com a ambição de destruir essas estruturas na mente, no coração, no interior dos homens”⁶¹. Destruir esses sistemas é também apresentar uma outra proposta de mundo e de vida.

Em resumo, a salvação de Deus oferecida à humanidade pelo Cristo na agência do Espírito Santo, não diz respeito às almas, mas a todas as coisas, à humanidade e à criação. Diz respeito à criação divina e às produções humanas. O testemunho cristão é a ação daquele que está comprometido no seguimento de Jesus e, como tal, é missionário. É tornar aberta e pública sua

⁵⁹ COMBLIN, 1983, p.60-61.

⁶⁰ COMBLIN, 1983, p.61.

⁶¹ COMBLIN, 1983, p.64.

conversão, confrontando e buscando meios de produzir transformações por meio de suas vidas e ações, por palavras e gestos. Atuar no concreto da sua realidade é o papel do discípulo-missionário; na expectativa da produção da liberdade humana e na transformação de toda as coisas, como diz a Oração Eucarística V: *“E a nós, que agora estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai-nos força para construirmos juntos o vosso reino que também é nosso”*.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, procurou-se descrever e elucidar a compreensão da noção de missão presente na obra de José Comblin. Entendeu-se que a missão da Igreja cristã engloba, segundo Comblin, aspectos característicos que refletem diretamente as ações, gestos e palavras de Jesus. Em primeiro lugar, a missão como ação sugere que evangelizar exige disposição para o movimento. O anúncio salvífico de Jesus não era estático, mas fortemente inclinado às ações - falar, curar, acolher, denunciar. Depois, a missão como promotora da salvação presente no Evangelho aponta para uma transformação integral do ser humano e do mundo. Na missão salvadora, a Igreja se move com o intuito de promover a realização de um novo homem em um novo mundo sob o Evangelho. A terceira característica é ser um serviço salvífico à humanidade que anuncia e exorta, pelo Evangelho, o mundo. E, por fim, a missão é a testemunha e a publicidade do Evangelho para aqueles que são os seus alvos - os pobres, a ovelha perdida, os publicanos, prostitutas, pecadores e todos aqueles que em suas expressões de pobreza existenciais - e que por sua condição demonstram a sua carência de Deus.

Ao partir dessas percepções, Comblin aponta para a necessidade de uma Igreja aberta e receptiva ao mundo e aos que nele estão. A própria distinção entre igreja e sinagoga⁶², presente em Teologia da Missão, indica

⁶² É preciso fazer uma explicação sobre o termo *sinagoga*. Inicialmente é preciso entender que, nos textos de Comblin, *sinagoga* e suas variantes são termos técnicos que nada têm a ver com as Sinagogas judaicas. Antes, para Comblin, o termo *sinagoga* indica uma comunidade religiosa que tem como função a preservação de uma prática comum ao grupo, bem como a sua manutenção. Descreve tão-somente a institucionalização ensimesmada da Igreja.

essa necessidade. O fato é que a Igreja é o agente continuador da missão de Jesus Cristo depois de sua ascensão. É em função disso que o Espírito Santo nos foi concedido (Cf. Jo 20,21; At 1,8; Ef 4,8-11)⁶³. Nessa continuação potencializada pelo Espírito Santo, a Igreja deve estar atenta para aqueles movimentos que indicam a sua vitalidade, isto é, a sua capacidade de anunciar o Evangelho e cooperar na transformação do mundo que a cerca.

Nessa perspectiva, a Igreja é mais que apenas uma instituição, ela se faz movimento em direção ao mundo e aos pequeninos irmãos de Jesus (cf. Mt 25,40). Enquanto movimento, em seu constante vir a ser, a Igreja cumpre a missão de Jesus, libertando o mundo do mal que, em todas as dimensões e manifestações que lhe são próprias, que o afligem, proclamando a vitória do Cristo Libertador sobre toda a realidade.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- BOFF, L. *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*, 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- COMBLIN, J. Evangelização e Inculturação. In: ANJOS, *Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia*. Petrópolis, Vozes/Soter, 1995.
- COMBLIN, J. *Evangelizar*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- COMBLIN, J. *Epístola aos Efésios: Comentário Bíblico Latinoamericano NT*. São Paulo/Aparecida: Fonte Editorial/Editora Santuário, 2013.
- COMBLIN, J. *Jesus, o Enviado do Pai*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- COMBLIN, J. *Mitos e Realidades da Secularização*. São Paulo: Herder, 1970
- COMBLIN, J. *O Tempo da Ação*. Petrópolis: Vozes, 1982.

⁶³ COMBLIN, 1983, p.30.

DUSSEL, E. *História da Igreja Latino-Americana*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989.

GOHEEN, M. *Introducing Christian Mission Today: Scripture, History and Issues*. Downers Grove: IVP Academic, 2014.

GUTIERREZ, G. *Teología de la Liberación*. 14.ed. Salamanca: Sígueme, 1990.

NEWBIGIN, L. *The Open Secret*. 2.ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co, 1995.

PADILLA, C. Rene. *Misión Integral: Ensayos sobre el Reino y la iglesia*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1986.

RAIMUNDO, G. M.; PEREIRA, A. S. *Igreja: missão permanente: a missão na "teologia da missão" de Jose Comblin e sua importância para a compreensão da identidade da Igreja. Aplicação ao contexto brasileiro*. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1995.

Trabalho submetido em 14/06/2020.
Aceito em 04/11/2020.

Gladson Cunha

Doutor em Teologia, com concentração em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Licenciando em Filosofia pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Professor das graduações em Teologia e Pedagogia do Centro de Ensino Superior Fabra, Serra/ES. Email: gladsoncunha@gmail.com